

CRESCIMENTO ECONÔMICO E CICLOS DE NEGÓCIOS NO MUNICÍPIO DE CAMPO NOVO DO PARECIS (MT) ENTRE 1990 E 2006

Charline Dassow²⁶

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo²⁷

José Manuel de Carvalho Marta²⁸

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar e identificar os fatores mais importantes para o crescimento econômico do município de Campo Novo do Parecis, no período de 1990 a 2006. Para tanto, foi realizada a análise de dados secundários de população, valor adicionado, investimento público, receita orçamentária, estabelecimentos comerciais, emprego, renda e grau de especialização dos trabalhadores. Conclui-se que o crescimento econômico e os ciclos de negócios ocorridos no município no período de 1990 a 2006 foram causados pela sua característica agrícola, ou seja, por o município ser dependente economicamente do agronegócio. Dessa maneira, os fatores que determinam o crescimento econômico e ciclos de negócios do setor agrícola e conseqüentemente do município foram os preços dos produtos, principalmente o da soja, a taxa de câmbio, as condições climáticas, o crédito para a aquisição de insumos, de máquinas e equipamentos e de comercialização, e a oferta e a demanda internacionais.

Palavras-chave: Campo Novo do Parecis, crescimento econômico, ciclo de negócios.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze and identify the most important factors for economic growth in the city of Campo Novo do Parecis, from 1990 to 2006. To this, secondary data was used to analyse population, added value, public investment, budgetary revenues, shops, employment, income and labor specialization. It was found that economic growth and business cycles in the municipality from 1990 to 2006 were caused by its agriculture and its dependence on agribusiness. Thus, the factors that determine the economic growth and business cycles of the agricultural sector and therefore the municipality were the prices of products, mainly soybeans, the exchange rate, weather conditions, the credit for the purchase of inputs, machinery and equipment and marketing, and international supply and demand.

Key-words: Campo Novo do Parecis, economic growth, business cycle.

²⁶ Mestranda em Agronegócios e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Mato Grosso. cherdassow@ufmt.br

²⁷ Professor Dr. da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso. adriano@ufmt.br

²⁸ Professor Dr. da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso. jmarta@ufmt.br

1. INTRODUÇÃO

Campo Novo do Parecis é um município que se localiza na região médio norte do estado de Mato Grosso e que tem a sua origem populacional na existência dos povos indígenas – Paresi – e colonizadores sulistas, que chegaram à região com o intuito de povoar e trabalhar nas terras que se encontravam improdutivas.

A falta de infra-estrutura, nos anos 1970 e 1980, determinavam as condições de trabalho precárias, ou seja, a falta de estradas para transporte de pessoas e mercadorias, a limitada oferta de energia para a atividade produtiva e para o bem-estar por ela proporcionado, água para um adequado saneamento, comunicação, educação, entre outros. Como em outras regiões de fronteira agrícola, estabeleceram-se culturas destinadas ao abastecimento da população e depois as atividades do agronegócio.

Desde os anos noventa, a atividade básica do município é o agronegócio. Nessa perspectiva o setor primário da economia foi responsável por cerca de 50% do PIB do município no ano de 2002. A economia que se estabeleceu na área foi importante para o Estado como um todo, sendo que em 2002, o seu PIB se destacou em 8º lugar no ranking do PIB do Estado com R\$ 363.449 mil (SEPLAN, 2007).

Desmembrado de Diamantino, a área onde se instalou Campo Novo do Parecis teve a sua autonomia em 1988. A emancipação ocorreu devido à criação no âmbito do Proálcool da Cooperativa Agrícola de Produtores de Cana de Diamantino (Coprodia), cuja importância era, através da produção agroindustrial, incorporar grande contingente populacional, viabilizando o comércio, e dando valor às propriedades, assim como permitiu estabelecer outras culturas de rotação e consorciadas.

O crescimento do município ocorreu de forma significativa no período 1990-2005, quando a taxa geométrica média de crescimento do valor adicionado total nos anos de 2001-2004 foi de 21,7%. Também na perspectiva do crescimento, a geração de empregos apresentou um aumento importante de 4.876 novos empregos, ou seja, de 8.741 pessoas ocupadas no ano de 2001, passou para 13.617 em 2005 (MTE, 2007). Isso permitiu um efeito multiplicador de renda e empregos, pois a geração de renda e empregos aumenta o consumo, que aumenta a produção, e para aumentar a produção é necessário contratar mais pessoas.

No ano de 2006 e no primeiro semestre de 2007, entretanto, observou-se uma evasão da população do município. Segundo IBGE (2007), a população de Campo Novo do Parecis mensurada pelo último Censo é de 22.258 habitantes, porém a estimativa para 2006 era de 26.562 habitantes. Mesmo como estimativa, as informações do comércio e serviços mostram uma evidência desse aspecto, observada nas compras que tiveram sua atividade reduzida.

Boa parte das questões mencionadas acima é decorrente das restrições impostas pelo mercado de trabalho em razão da queda real nos preços da soja nos anos de 2005 e 2006. Associado à valorização do real frente ao dólar, sendo a última a moeda de operação no mercado internacional, provocando uma redução no Produto Agrícola como um todo, afetando diretamente nesses aspectos sociais. Ou seja, em função dos custos dos insumos, cuja aquisição foi feita por altos preços, em dólar, e a redução dos preços das mercadorias produzidas, ampliou-se o endividamento agrícola. Com isso, houve inadimplência e reduziu-se o crédito ao agricultor. Com o Real valorizado, a possibilidade de aquisição de novos insumos importados ficaria viável, porém a falta de disponibilidade de crédito inviabilizou as negociações. Assim, o produtor se viu obrigado a dispensar trabalhadores, algumas vezes reduzindo-se a produção e, conseqüentemente, gerando impactos negativos no mercado e diminuindo o fluxo de negócios de todo o município.

Diante desse cenário, busca-se identificar nesse estudo os fatores mais importantes para o crescimento econômico no município de Campo Novo do Parecis, no período de 1990 a 2006, analisando os fatores que explicam os ciclos de crescimento e crise na região.

Este artigo está dividido em três seções. A seguir, apresenta-se uma síntese das teorias de crescimento econômico e ciclos de negócios. O terceiro capítulo apresenta a metodologia adotada no estudo. Posteriormente são apresentados e discutidos os resultados encontrados a respeito do crescimento econômico e ciclos de negócios do município de Campo Novo do Parecis. E por fim, têm-se as conclusões.

2. CRESCIMENTO ECONÔMICO E CICLOS DE NEGÓCIOS

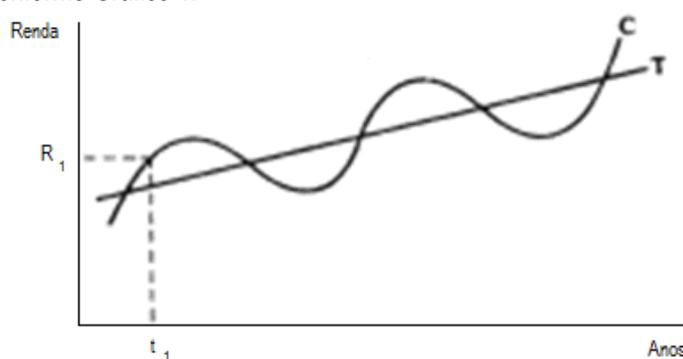
Segundo a corrente voltada para a realidade empírica, o crescimento econômico é visto como “uma simples variação quantitativa do produto, enquanto o desenvolvimento envolve mudanças qualitativas no modo de vida das pessoas, das instituições e das estruturas produtivas” (SOUZA, 2005 p. 6).

Pode-se verificar que ao longo do tempo algumas variáveis macroeconômicas de uma nação sofrem alterações. O nível agregado de produto real da economia (PIB ou PNB) apresenta uma tendência de crescimento ao longo do tempo, em torno da qual sofre desvios. Dessa forma, esses desvios temporários de variáveis ao longo do tempo, podem ser chamados de ciclo de negócios (MAGALHÃES, 2007).

Os ciclos de negócios são um tipo de flutuação encontrado na atividade econômica agregada das nações que organizam seu trabalho principalmente em empresas de negócios; um ciclo consiste em expansões que ocorrem ao mesmo tempo em algumas atividades econômicas, seguidas por recessões,

contrações e recuperações igualmente generalizadas, que se fundem com a fase de expansão do ciclo seguinte; essa seqüência de mudanças é repetitiva, mas não é periódica; a duração dos ciclos de negócios varia de mais de um ano a dez ou doze anos; eles não são divisíveis em ciclos menores de caráter semelhante com amplitudes aproximadas às suas. (Sachs; Larrain, 1995 p. 579).

No mesmo sentido, para Kalecki a economia cresce de uma maneira cíclica, conforme Gráfico 1.



Crescimento e ciclos econômicos.

Fonte: Kalecki (1977, p.15).

No gráfico 1, a linha **C** representa os ciclos econômicos, ou seja, oscilações no produto total da economia. Já a linha **T** se refere ao crescimento econômico, mostrando que ao longo do tempo, a economia apresenta uma tendência de crescimento.

Segundo Kalecki (1977), a causa dos ciclos econômicos são as alterações na demanda efetiva, e o principal componente dessa é o investimento privado. Para ele os responsáveis por realizar os investimentos são os capitalistas e os mesmos sempre procuram obter maior lucro. O lucro é determinado pelo investimento e consumo dos capitalistas. Os determinantes do investimento são os lucros passados, poupança, inovações tecnológicas, competição intercapitalista e estoque de capital fixo. Dessa forma, o capitalista irá decidir o quanto investirá com base nos seus lucros passados, ou seja, quanto maior os investimentos e consumos passados, maior será o investimento presente e o crescimento.

Ainda, este autor destaca que quando ocorrem flutuações da produção, estas são acompanhadas por modificações do grau de utilização do equipamento e da mão-de-obra disponível. Então, em períodos de depressão ocorre desemprego em massa e também o nível de emprego médio durante o ciclo se apresenta abaixo do máximo atingido na fase de prosperidade. Assim, para ele a inovação em seu sentido mais amplo se destaca como o fator mais importante para promover o

desenvolvimento ao longo prazo. E, a poupança externa às firmas, mostra-se como um obstáculo para o desenvolvimento ao longo prazo.

Cada ciclo é composto por um pico, um vale ou fundo e da tendência. O ciclo se inicia no fundo (ponto mais baixo da atividade econômica) passa por um crescimento até chegar ao pico (ponto mais alto da atividade econômica) e depois começa a contração até chegar ao próximo vale. A fase de contração da economia pode ser chamada de recessão, e quando for uma queda muito profunda de depressão.

Para Schumpeter (1982), o desenvolvimento econômico é visto pelas mudanças na vida econômica. As mudanças espontâneas e descontínuas no fluxo circular aparecem na esfera industrial e comercial e não na esfera dos consumidores. É o produtor que inicia a mudança econômica, e os consumidores são educados por ele, onde são ensinados a querer coisas novas ou diferentes.

Como produzir significa combinar forças e materiais produtivos, o desenvolvimento é definido pela realização de novas combinações no processo produtivo. Esse conceito engloba cinco casos: introdução de um novo bem, introdução de um novo método de produção, abertura de um novo mercado, conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados e estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria.

Dessa maneira, para Schumpeter, como para Kalecki, o crescimento econômico não ocorre uniformemente ao longo do tempo. Para o primeiro, o crescimento é acelerado com a introdução de novos processos de produção e novos produtos, devido à ação do empresário inovador. Assim, os ciclos apresentam quatro fases: ascensão, recessão, depressão e recuperação.

Na fase ascendente do ciclo ou prosperidade a economia cresce acima da tendência histórica devido às inovações financiadas pelo crédito. As inovações fazem com que aumentem os preços dos fatores de produção, estimulam gastos com pesquisas, crédito abundante e barato. Porém, quando as inovações atingem um nível muito baixo, inicia-se a fase recessiva da economia.

Por outro lado, a recessão é a fase após a prosperidade, e dois fatores são responsáveis por mantê-la ou acelerá-la, as crises nas bolsas de valores e mercadorias e a rigidez dos salários. A recessão pode ser desejável em alguns momentos por provocar a redistribuição de renda, ajustes na economia (melhora da eficiência e produtividade, e redução de preços e custos) e assim retorno do crescimento.

Nesse sentido, na fase de prosperidade, os salários aumentam em proporções menores que os preços das empresas líderes e, já na fase recessiva, a redução dos salários é amortecida devido à existência de sindicatos e contratos

entre empresas e funcionários. Então, percebe-se a tendência do sistema em procurar a taxa natural de crescimento ao longo prazo – linha de tendência (SCHUMPETER, 1982).

Cabe destacar ainda, que as crises podem ou não ser passíveis de uma explicação puramente econômica. Frequentemente, elas podem ser explicadas por fatores externos como guerras, mudanças climáticas, entre outros. As crises podem aparecer tanto do lado da oferta, ocorrendo mudanças na produção técnica (nas relações do mercado ou de crédito) quanto da demanda, ocorrendo mudanças no poder de compra dos consumidores.

Do ponto de vista de movimentações nas variáveis macroeconômicas e sua relação com o ciclo, estas podem ser classificadas em pró-cíclicas, contra-cíclicas e acíclicas. As pró-cíclicas são aquelas que tendem a se movimentar na direção do ciclo, ou seja, aumentam nas expansões e diminuem nas recessões. As contra-cíclicas se movimentam na direção contrária ao ciclo, aumentam nas recessões. Já as acíclicas, o seu movimento não ocorre ao mesmo tempo em que o ciclo (SACHS e LARRAIN, 1995)

Para exemplificar essas relações, as variáveis como: produção setorial, consumo, investimento, agregados monetários, nível de preços, inflação, taxa de emprego, produtividade média do trabalho e estoques, possuem uma alta correlação com o ciclo e apresentam a mesma tendência do ciclo. A variável taxa de desemprego apresenta uma alta correlação e é contra-cíclica, ou seja, quando aumenta o produto total da economia à taxa de desemprego reduz. Já, a taxa de juros reais e os salários reais apresentam baixa correlação com o ciclo, pois as suas variações não ocorrem ao mesmo tempo que as do ciclo. Por último, a taxa de juros nominais não possui alta correlação, mas possui a mesma tendência que o ciclo.

Segundo Sachs e Larrain (1995), os ciclos são causados por choques (distúrbios) aleatórios, chamados de “impulsos” que afetam toda a economia criando um padrão cíclico na mesma. Os ciclos de negócios se repetem devido à ocorrência de novos impulsos. Dessa forma, o padrão cíclico é resultado de uma série de impulsos.

Ainda, para o autor citado acima, os principais impulsos causadores dos ciclos de negócios são: choques de oferta, choques políticos e os choques de demanda. Os choques de oferta podem ser caracterizados pelos avanços tecnológicos, fatores climáticos, catástrofes naturais e alterações de preços de matéria-prima. Já os choques políticos correspondem aos choques causados pelas decisões tomadas pelas autoridades macroeconômicas, como oferta monetária, política fiscal e taxa cambial. E, por último, os choques de demanda, que são ocasionados pelo setor privado e influenciados pelas expectativas quanto ao futuro, correspondendo às variações no investimento e consumo.

Além das idéias mencionadas acima, outros autores e escolas também abordam a idéia dos ciclos econômicos, como Keynes, os novos clássicos e novos keynesianos.

Para Keynes as oscilações que ocorrem no nível de produção e renda são causadas principalmente por mudanças na demanda agregada. Os ciclos ocorrem porque existem imperfeições do mercado e essas provocam a rigidez de preços e salários.

Por outro lado, para os novos clássicos, as flutuações no curto prazo são causadas por variáveis do lado da oferta (choques tecnológicos, alterações de preços reais de matéria-prima, alíquotas tributárias, entre outras). Essas variações cíclicas ocorrem porque os agentes econômicos têm informações imperfeitas, e dessa forma, tomam decisões erradas sobre a quantidade ofertada quando ocorrem esses choques. Defendem a teoria do ciclo real de negócios, ou seja, quando ocorrem choques de ofertas as pessoas decidem quanto de trabalho irão ofertar, então as pequenas alterações no salário real fazem com que ocorram grandes variações na produção e no emprego, havendo uma substituição intertemporal de trabalho.

Os novos keynesianos defendem que a existência de contratos salariais e sindicatos podem ajudar a evitar as variações na renda e emprego quando ocorrem choques na economia. Além disso, acreditam que se as empresas pagarem para seus funcionários salários acima do nível de equilíbrio de mercado induzirão seus empregados a trabalharem mais aumentando a produtividade e evitando o declínio desta última quando acontecem oscilações econômicas (Sachs e Larrain, 1995).

No que diz respeito ao comércio internacional, as nações que tem a sua economia voltada para o exterior ficam vulneráveis a economia do resto do mundo. Dessa forma os ciclos econômicos são causados por mudanças ocorridas nas nações com que se relacionam. No caso específico de regiões com base em commodities para exportação, esta vulnerabilidade fica exacerbada.

3. METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo, foi feita a análise estatística de dados secundários de variáveis econômicas do município de Campo Novo do Parecis, referentes ao período de 1990 a 2006, como: população residente, investimento público, valor adicionado, número de estabelecimentos comerciais, empregos gerados total, por setores e atividades econômicas, nível de especialização dos trabalhadores e renda. Também se utilizou para a análise, o índice geral de preços (IGP-DI), para a transformação dos valores nominais em valores reais de 2006.

Esses dados foram coletados a partir da base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Secretaria de Planejamento de Mato Grosso (SEPLAN/MT), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para verificar o crescimento de um município e de que forma este ocorre é muito importante à análise dos principais indicadores socioeconômicos, ou seja, população, arrecadação, investimento público, valor adicionado ou PIB, emprego, renda e educação.

Analisando os dados da população, pode-se verificar o crescimento da população do município, passando de 6.311 habitantes em 1991 para 22.322 em 2007, porém em 2007 observa-se uma evasão da população do município referente ao ano de 2006 que se encontrava com 26.562 habitantes, ou seja, cerca de 4.240 pessoas deixaram o município em 2007. O crescimento mais significativo se deu no período de 1995 a 1997, onde a população passou de 8.665 para 15.093. A taxa geométrica média de crescimento da população do município no período de 1991 a 2007 foi de 9,91% ao ano²⁹.

Quanto à receita orçamentária municipal, esta apresentou um elevado crescimento no período de 1990 a 2004, principalmente entre 1995 a 2001, porém nos períodos de 1991-1994 e 2002-2004 houve crescimento abaixo da linha de tendência e ainda em 2002 e 2003 a receita foi menor que no ano de 2001. A receita orçamentária do município em 1990 foi aproximadamente 6,95 milhões de reais e em 2004 foi 39,2 milhões de reais, em valores de 2006. A taxa geométrica média anual de crescimento no período mencionado acima foi de 13,18%³⁰.

Por outro lado, o município tem mostrado grandes oscilações quanto ao investimento público - despesas de capital (Gráfico 2). O investimento público depende principalmente das restrições orçamentárias e das decisões e interesses políticos e o seu aumento é fundamental para o crescimento de uma região.

²⁹Significativa diferente de zero a 10%.

³⁰ Idem ao anterior.

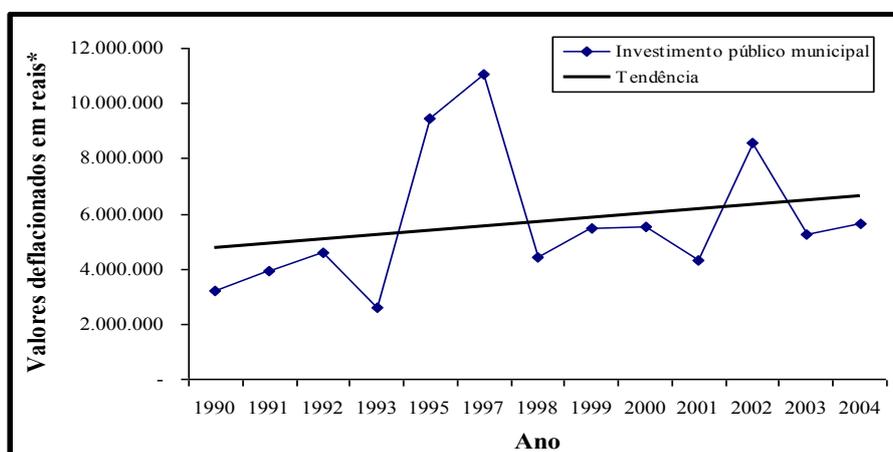


Gráfico 2. Investimento municipal entre 1990 a 2004.

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipeadata, 2007. Dados trabalhados.

* Valores em reais de 2006, deflacionados pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI).

No Gráfico 2, verifica-se o comportamento cíclico do investimento real público do município entre 1990 a 2004, passando por picos e vales. Em 1990, o investimento foi de 3,2 milhões de reais e, em 2004, foi de 5,6 milhões de reais, em valores de 2006. Os anos de 1995, 1997 e 2002 foram anos de pico, onde os investimentos foram, respectivamente, de 9,46, 11,1 e 8,55 milhões de reais. A taxa geométrica de crescimento para esse período não foi significativa a 10%, ou seja, estatisticamente não se pode afirmar que o investimento real público apresentou crescimento linear no tempo.

Segundo Sachs e Larrain (1995) o investimento é uma variável econômica pró-cíclica e possui uma alta correlação com o ciclo. Isso significa que em momentos de expansão da economia do município, o investimento público irá aumentar e em períodos de recessão irá diminuir. Dessa forma, segundo o Gráfico 2 os anos de 1995, 1997 e 2002 foram anos de expansão e 1993, 1998, 2001 e 2003 foram anos de recessão. Porém, também devem ser levados em consideração, os efeitos das decisões políticas e administrativas dos governantes de quanto irão investir.

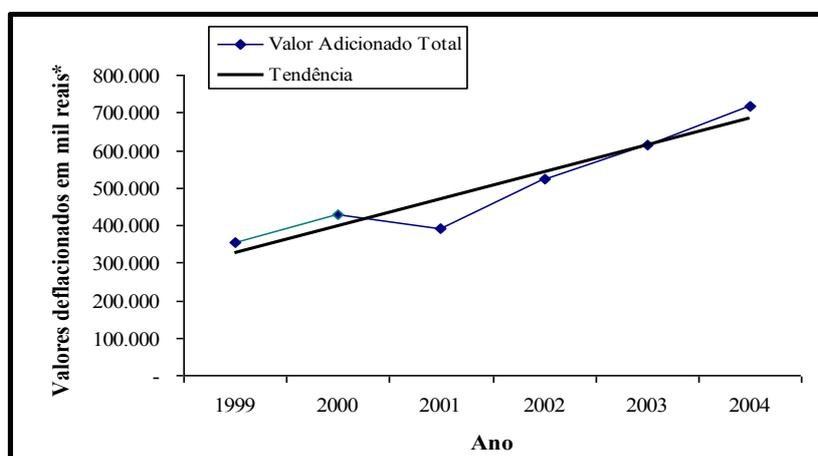


Gráfico 3. Valor adicionado total em Campo Novo do Parecis, de 1999 a 2004.

Fonte: Secretaria de Planejamento (SEPLAN/MT); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2007. Dados trabalhados.

* Valores em reais de 2006, deflacionados pelo Deflator Implícito do PIB.

Pode-se observar no Gráfico 3, a tendência de crescimento com pequena oscilação do valor adicionado total no município ao longo do tempo. Em 1999, o valor adicionado total foi de aproximadamente 355,391 milhões de reais passando para 717,092 milhões de reais em 2004. Desse modo, apresentou taxa geométrica média de crescimento de 14,9% ao ano, estatisticamente significativas a 10%.

No mesmo sentido que a variável econômica investimento, o valor adicionado é uma variável que possui o movimento pró-cíclico. O valor adicionado demonstra o quanto foi agregado valor ao produto no município, ou seja, expressa em termos reais o quanto foi produzido em Campo Novo do Parecis. Como anteriormente, vê-se uma crise em 2001.

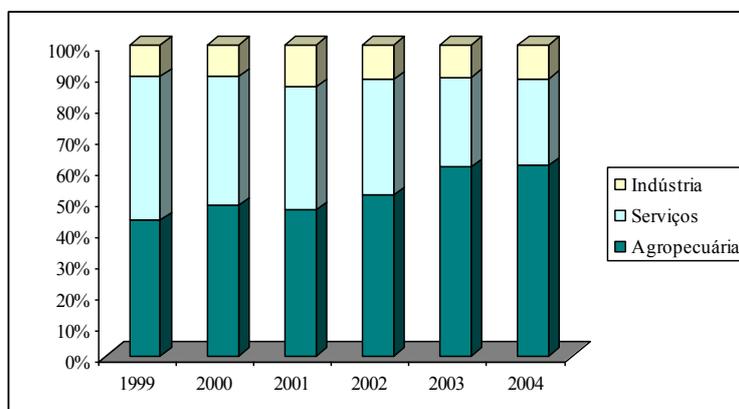


Gráfico 4. Participação dos setores na formação do valor adicionado total do município
 Fonte: Secretaria de Planejamento (SEPLAN/MT); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2007. Dados trabalhados

Verifica-se, no Gráfico 4, que o setor agropecuário é o mais importante para a formação do valor adicionado real do município, seguido pelo setor de serviços e por último o setor industrial. Sachs e Larrain (1995) defendem que o crescimento provoca alterações na estrutura da economia, reduzindo a participação da agricultura no produto da economia e conseqüentemente aumentando a participação da indústria e do setor de serviços. Porém, esta teoria não se aplica em Campo Novo do Parecis, pois o valor adicionado da agropecuária vem aumentando a sua contribuição anual na economia do município, passando de 44%, em 1999, para 61%, em 2004. Já a participação do setor de serviços no valor adicionado total, apresentou uma redução, ou seja, em 1999, era de 46% e, em 2004, passou para 28%. A contribuição da indústria no valor adicionado total sofreu pouca alteração, permanecendo em torno de 11%. Parte disto é devido à mudança no rol de produtos agropecuários produzidos, com maior produtividade e uso da terra ociosa.

Em 2001, quando houve uma queda no valor adicionado total, esta pode ser explicada pela redução da participação do setor agropecuário na formação do valor adicionado agregado, sendo o setor agropecuário o mais significativo na economia do município.

No que se refere ao número de estabelecimentos comerciais, pode-se ver o aumento significativo da quantidade total de estabelecimentos, evidenciando a ação do empresário inovador. Há uma tendência crescente do número de estabelecimentos comerciais no município de 39, em 1992, para 1.395, em 2006, apresentando uma taxa geométrica média de crescimento anual de 24,07%

(significativa a 10%). Porém, por outro lado, nos anos de 1997, 1998 e 2006, vê-se uma queda do número de estabelecimentos, o que significa o fechamento de algumas empresas. No ano de 1998, essa queda é também verificada no investimento público e arrecadação municipal.

Analisando o crescimento do número de estabelecimentos comerciais em cada setor, pode-se ver o crescimento do número de estabelecimentos da maioria dos setores, exceto do “outros”. Dessa forma, os setores agropecuário, comércio, construção civil, indústria e serviços apresentaram taxas geométricas médias de crescimento anual de 21,7%, 14,5%, 22,2%, 32,8% e 19,5% respectivamente³¹. Em 1992, os setores que possuíam mais empresas eram o agropecuário com 33%, o comércio com 28% e o de serviços com 21%. Já em 2006, os com mais empresas eram o de construção civil com 43% e a indústria com 29%. Em 1992, 33% dos estabelecimentos comerciais eram do setor agropecuário passando para 8% em 2006, por outro lado, o setor de construção civil era de 0% em 1992 passando para 43% em 2006. É possível que as empresas de construção civil em 1992 estivessem com sede fora do município e por isso não apareceram na RAIS.

Houve assim, uma inversão da participação dos setores no número total de estabelecimentos. Ou seja, isso mostra o aumento da importância do setor industrial, o que ocasiona o crescimento econômico do município. Então, no que se refere ao número de estabelecimentos comerciais, a participação da indústria aumentou ao longo do tempo e a da agropecuária reduziu.

Quanto ao tamanho dessas empresas, a maioria dos estabelecimentos comerciais é de pequeno porte, ou seja, 70% dos estabelecimentos em 1992 possuíam até 4 trabalhadores e em 2006 passaram para 84%.

Conforme mencionado anteriormente, a maior responsável pela geração do valor adicionado do município é a atividade agropecuária, mas a participação desse setor no número total de estabelecimentos comerciais reduziu. Esses fatores evidenciam a sensibilidade do setor a oscilações e a diversificação da produção do município, agregando dessa forma, cada vez mais valor aos produtos.

Adam Smith ressaltava que o crescimento dos mercados faz com que aumente a renda e o emprego. Nesse mesmo ponto de vista, o crescimento é evidenciado no município de Campo Novo do Parecis, pois este foi responsável pela geração de novos empregos e renda para o estado de Mato Grosso no período de 1992 a 2006, representando um incremento de cerca de 12.092 novos empregos remunerados, conforme mostra o Gráfico 5.

³¹ Significativas diferentes de zero a 10%.

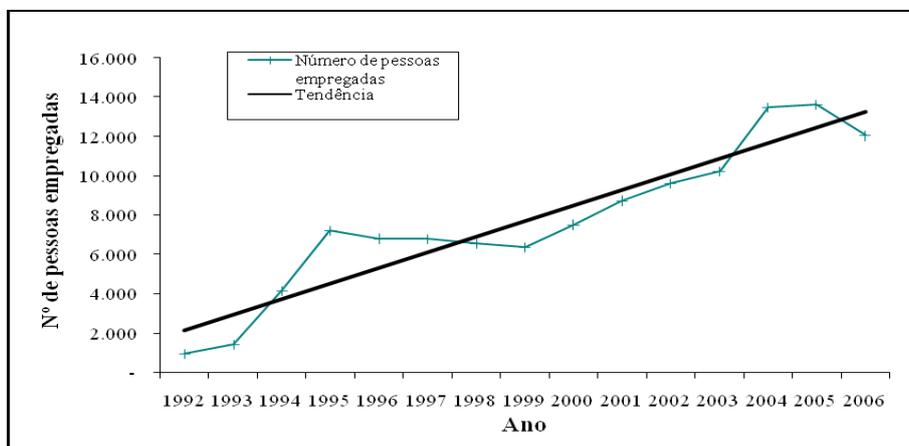


Gráfico 5. Número total de empregos gerados em Campo Novo do Parecis
 Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, RAIS 1992-2006. Dados trabalhados.

Em 1992, o município empregava 963 trabalhadores passando para 12.055, em 2006, o que gera uma taxa geométrica média significativa de crescimento anual de 15,4%. Esse crescimento é acompanhado por decréscimos em alguns anos como em 1997 a 1999 e, em 2006, porém ao longo do tempo existe a tendência de crescimento. Os anos de 1995 e 2005 se destacaram ao longo desse período, com 7.206 e 13.617 pessoas empregadas. Na Tabela 1, é mostrado o número de pessoas empregadas por setor.

Tabela 1. Número de empregos por setor para Campo Novo do Parecis

Pessoas empregadas por grande setor do IBGE							
Ano	Indústria	Construção civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros	Total
1992	28	0	167	5	734	29	963
1993	249	0	218	32	880	57	1.436
1994	955	163	490	212	2.324	17	4.161
1995	871	248	657	870	4.558	2	7.206
1996	1.318	287	450	751	4.012	0	6.818
1997	727	242	735	687	4.415	3	6.809
1998	866	216	593	1.055	3.823	0	6.553
1999	1.008	182	680	998	3.495	0	6.363
2000	1.357	94	783	931	4.358	0	7.523
2001	1.403	153	941	1.081	5.163	0	8.741
2002	1.495	156	1.220	1.483	5.269	0	9.623
2003	1.476	250	1.517	1.458	5.537	0	10.238
2004	1.618	440	2.182	1.788	7.446	0	13.474
2005	1.525	1.003	2.679	2.027	6.383	0	13.617
2006	1.406	620	2.374	1.935	5.720	0	12.055

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, RAIS 1992-2006. Dados trabalhados.

Pode-se observar que a maior parte dos empregos estão relacionados com o setor agropecuário, ou seja, em 1992, esse setor era responsável por empregar 76% dos trabalhadores e, em 2006, esse número passou para 47%, caracterizando uma queda na participação, mas permanecendo como o setor mais importante para a geração de emprego.

Em segundo lugar se destaca o setor de comércio com 20% dos trabalhadores totais empregados seguido pelo setor de serviços e da indústria com respectivamente 20% e 12%, em 2006. A taxa geométrica média de crescimento anual no período de 1992 a 2006 foi de 13% da agropecuária, 17,5% da indústria, 19% do setor de comércio, 34% do de serviços e 9,2 % na construção civil, todas foram significativas a 10%. Dessa forma, verifica-se que o setor que apresentou a maior taxa de crescimento foi o de serviços, o qual participou em 1%, em 1992, para 16% do número total de empregos, em 2006, mostrando o aumento de sua importância.

Como os demais setores do município estão ligados diretamente com o setor agropecuário e por este ser também o responsável pela maioria dos empregos gerados, a redução do emprego em 2006 ocorreu devido a crise do

agrenogócio. Essa redução também pode ser explicada devido a característica pró-cíclica da taxa de emprego.

A Tabela 2 mostra o número de pessoas empregadas de acordo com a classificação da classe CNAE 95.

Tabela 2. Distribuição percentual das pessoas empregadas em Campo Novo do Parecis nas principais atividades da classe CNAE 95

Atividade	Ano											
	94	95	96	97	98	99	0	1	2	3	4	5
Cultivo de cereais para grãos	3,4	3,7	6,6	9,3	6,5	4,4	2,8	2,7	3,0	2,6	3,3	3,4
Cultivo de algodão herbáceo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5	0,4	0,7	1,7	2,4
Cultivo de cana-de-açúcar	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	14,3	3,6
Cultivo de soja	5,0	5,9	3,8	5,2	7,9	8,2	9,3	9,7	9,7	19,8	24,2	24,6
Criação de bovinos	0,8	0,5	0,3	0,3	0,3	0,3	0,6	0,3	0,3	0,3	0,3	0,4
Prod. mista: lavoura e pecuária	45,8	52,6	46,8	49,9	43,2	39,9	43,5	42,0	38,4	15,7	2,6	1,0
Ativ. de serv. c/ agricultura	0,8	0,5	0,3	0,2	0,5	2,1	1,6	3,7	2,7	14,6	8,4	11,1
Beneficiamento de algodão	3,3	1,2	0,6	0,0	0,0	0,0	0,7	1,0	1,6	1,5	1,7	1,6
Produção de álcool	18,5	10,1	9,1	9,7	11,5	13,4	12,6	10,8	10,1	9,8	6,7	5,6
Edificações	0,1	2,0	2,8	1,5	1,8	1,1	1,0	1,4	1,3	2,4	1,7	1,3
Obras viárias	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,5	5,5
Comércio a varejo de comb.	3,2	1,2	0,3	1,3	1,7	1,5	1,3	1,1	0,8	0,9	0,7	0,8
Com. varejista de mercadorias	0,4	0,0	0,6	1,3	1,6	1,7	1,3	1,4	1,2	1,1	2,7	4,7
Administração pública em geral	0,0	7,6	6,9	5,2	8,0	8,7	6,7	7,1	9,1	7,7	5,4	5,4
Total	81,4	85,4	78,1	83,8	82,9	81,3	81,4	81,8	78,7	77,1	75,4	71,6

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, RAIS 1994-2005. Dados trabalhados.

Conforme Tabela 3, comprova-se novamente a importância do setor agropecuário no que diz respeito ao emprego da mão-de-obra existente no município. Percebe-se na tabela uma inversão na forma de apresentação de vínculo empregatício. Até 2002 a maior parte da mão-de-obra era vinculada a atividade de produção mista, mas a partir de 2003 passou a ser o cultivo de soja. Em 1994, 45,8% das pessoas empregadas trabalhavam na produção mista e em 2006, cerca de 24,6% trabalhavam no cultivo de soja. Outra atividade que se destaca é a produção de álcool, mais precisamente da Coprodia, principalmente nos primeiros anos, com aproximadamente 18,5% em 1994, evidenciando a importância da Cooperativa na economia do município, principalmente nos anos iniciais.

Ao longo do tempo ocorre a diversificação da produção, reduzindo cada vez mais a importância de cada atividade na formação do produto, emprego e renda. Porém, a agricultura, ou mais precisamente, o cultivo de soja permanece de

extrema importância para a geração do valor adicionado, emprego e renda do município, sendo esta atividade a principal responsável pelo crescimento econômico do município. O Gráfico 6 mostra a renda média dos trabalhadores no período de 1992 a 2006.

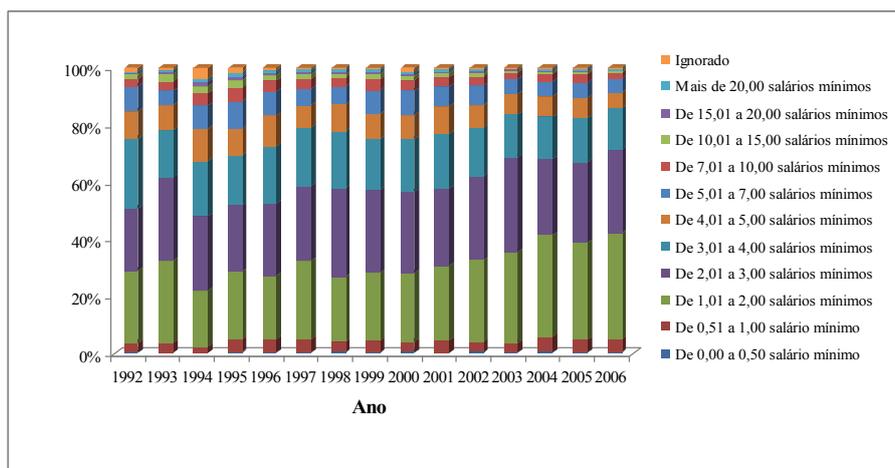


Gráfico 6. Renda média dos trabalhadores de Campo Novo do Parecis, entre 1992 a 2006
Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, RAIS 1992-2006. Dados trabalhados.

A maioria dos trabalhadores de Campo Novo do Parecis tem renda de 1 a 4 salários mínimos, ou seja, entre 1992 a 2006 a remuneração de em média cerca de 73% dos trabalhadores era de 1 a 4 salários mínimos. A partir do ano de 1997, mais de 50% das pessoas empregadas recebem de 1 a 3 salários mínimos. Dessa forma, ve-se que ao longo do tempo a renda nominal média dos trabalhadores diminuiu. Em 2006, cerca de 37% das pessoas recebiam 1 a 2 salários mínimos mensais.

Analisando de forma desagregada, percebe-se que houve uma maior distribuição de renda em alguns setores e em outros uma maior concentração. No setor industrial em 1992, a maior parte dos trabalhadores, 39% recebiam em média 1 a 2 salários mínimos por mês, já em 2006, 26% 1 a 2 salários, 28% 2 a 3 salários e 18% 3 a 4 salários. No setor de construção civil, em 2006, 56% dos trabalhadores receberam de 1 a 3 salários mínimos. O setor de comércio apresenta as rendas mais baixas, ou seja, a maioria dos empregados apresentam renda média de 1 a 2 salários mínimos, agravando mais a situação no ano de 2006, onde 64% recebia em média essa renda. No mesmo sentido, mas de forma contrária ocorre no setor de serviços, onde em 1992 cerca de 60% recebia em média 1 a 2 salários passando para 36% em 2006. Por outro lado, na agropecuária, a maior parte dos

trabalhadores, 50%, recebiam em 1992, 2 a 4 salários. Já em 2006, 70% dos trabalhadores recebiam de 1 a 3 salários, reduzindo a remuneração no setor. Dessa forma, percebe-se uma redução na remuneração média dos trabalhadores dos setores agropecuário e comercial e um aumento nos setores industrial, de serviços e de construção civil.

Para analisar a concentração de renda, foi calculado o índice de Gini. Este índice demonstra o nível de concentração de renda de uma região, quanto mais próximo de 1, maior é a concentração. Dessa forma, verifica-se que no município há concentração de renda acompanhada por uma tendência de crescimento, ou seja, cada vez mais está aumentando a concentração de renda do município. Ainda, nota-se que em 1994 esse índice foi o mais baixo do período, 0,814. Cabe lembrar, que em 1994, o valor da produção agrícola foi um dos mais altos do período.

A concentração de renda está evidenciada em todos os setores econômicos do município. No geral observa-se níveis mais baixos de concentração nos anos de 1996 e 2000, exceto no setor de construção civil, cujo os respectivos anos apresentam níveis mais baixos comparando com os demais. O setor que apresenta menores oscilações, é o setor agropecuário. Como este setor é o maior responsável pela geração de emprego e renda, percebe-se a relação direta do índice desse setor com o agregado, mostrando que o setor agropecuário é responsável pela concentração de renda, principalmente devido a característica latifundiária do município.

No que se refere ao grau de especialização dos trabalhadores, percebe-se no Gráfico 7 muitas variações. Em 1992, 64% dos trabalhadores haviam estudado no máximo até a 4ª série, em 1993 esse número caiu para 53% e voltou a subir em 1994 até 1995, onde voltou a reduzir com uma exceção em 2004. Desse modo, observa-se que ao longo do tempo a mão-de-obra do município vem se tornando mais qualificada. Em 1992, 8% dos trabalhadores possuíam 2º grau completo e já em 2006 esse número subiu para 19%. Esses números mostram a tendência crescente da busca de mão-de-obra especializada devido ao aumento da tecnologia, como maior introdução de máquinas e equipamentos modernos no processo produtivo, exigindo trabalhadores qualificados para o operação das mesmas.

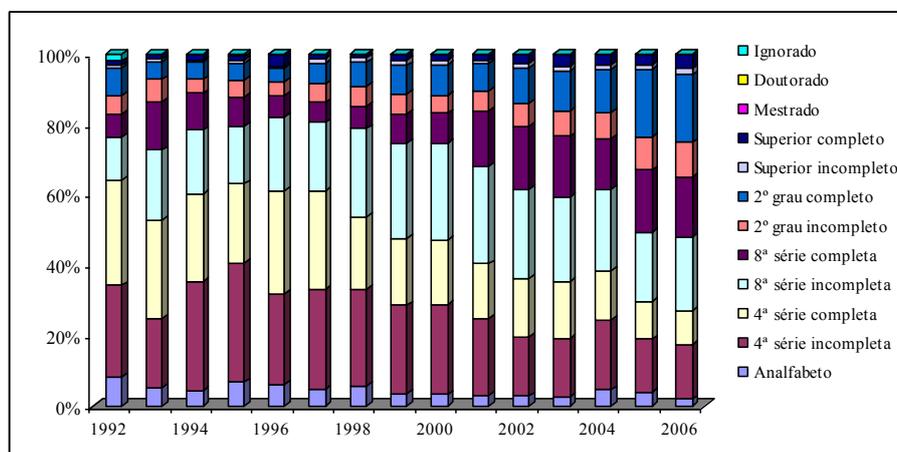


Gráfico 7. Grau de instrução dos trabalhadores de Campo Novo do Parecis
 Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, RAIS 1992-2006. Dados trabalhadores.

Para Pavarina (2003), a melhoria da qualidade do trabalho humano e o aumento da produtividade são mais importantes para o crescimento do que a quantidade de trabalhadores. Ou seja, o aumento do nível de especialização e rendimento dos trabalhadores geram uma maior eficiência. Em Campo Novo do Parecis, conforme mencionado acima, ocorreu essa elevação do grau de especialização dos trabalhadores.

O setor que conta com o menor nível de qualificação da mão-de-obra em 2006 é a agropecuária, onde cerca de 73% dos trabalhadores possuem no máximo a 8ª série incompleta. O setor que possui a mão-de-obra mais especializada é o de serviços, onde 79% possui no mínimo 8ª série completa e sendo que 16% do total possuem grau superior completo. Em segundo lugar de especialização está o setor comercial, onde 44% dos empregados possuem no mínimo 2º grau completo. Em seguida vem o setor industrial com 25% e em penúltimo lugar o setor de construção civil com aproximadamente 18%.

Nota-se, como mencionado anteriormente, que a renda média dos trabalhadores vem reduzindo ao longo do tempo, porém a mão-de-obra está cada vez mais especializada. Dessa forma, é preciso estudar para poder garantir melhores condições de trabalho, ou seja, para garantir os melhores empregos e rendas, pois caso contrário a renda do trabalhador será insuficiente para o sustento de sua família.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados secundários apresentada neste trabalho permitiu constatar que houve um crescimento econômico significativo no município de Campo Novo do Parecis no período de 1990 a 2006. Ao longo desse período, pode-se verificar a tendência de crescimento com oscilações da economia do município, evidenciando a ocorrência de ciclos de negócios.

O setor agrícola é o principal responsável pelo crescimento e ciclos ocorridos no município no período estudado, ou seja, em 2004 o valor adicionado do setor agropecuário contribuiu com 61% na formação do valor adicionado agregado. Este setor também é o responsável pela maior parte de geração de emprego e renda. Em 2006, 47% dos trabalhadores eram do setor agropecuário. O cultivo de soja se destacou por empregar 24,6% do total dos trabalhadores e ainda, sabe-se que esse contribui com 53,5% do valor da produção agrícola total. Cabe destacar ainda, que esse setor é dependente do mercado externo. Dessa forma, os fatores responsáveis pelas oscilações são a taxa de câmbio, os preços que são determinados pelo mercado internacional (Bolsa de Chicago), a demanda dos produtos, os subsídios e protecionismo de seus concorrentes e o controle das multinacionais.

Portanto, para que Campo Novo do Parecis continue crescendo será necessário a verticalização de sua produção, agregando mais valor aos produtos e desse modo, gerando mais empregos e renda e tornando-se menos dependente dos fatores agrícolas responsáveis pelas flutuações econômicas. Assim, serão necessários investimentos públicos, privados e políticas que incentivem a implantação de novas empresas, de maneira que esse crescimento ocorra com a preocupação na melhoria da distribuição de renda.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Contagem da população*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>>. Acessado em: 17/11/2007.

_____. *Estimativas de população*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2006/estimativa.shtm>>. Acessado em: 04/08/2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEADATA. *Contas Nacionais*. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?22710000>>. Acessado em: 06/04/2007.

KALECKI, Michal. *Teoria da Dinâmica Econômica – Ensaio sobre as mudanças cíclicas e a longo prazo da economia capitalista*. São Paulo: Nova Cultural, 1977.

MAGALHÃES, Matheus Albergaria de. *Explicando os ciclos de negócios*. Disponível em: <<http://cepe.ecn.br/matheus.pdf>>. Acessado em: 20/09/2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. *Bases Estatísticas RAIS / CAGED - Acesso Online*. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/PDET/Acesso/RaisOnLine.asp>>. Acessado em: 10/10/2007.

PAVARINA, Paula Regina J. P. *Desenvolvimento, crescimento econômico e o capital social do estado de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-08032004-145550/publico/paula.pdf>>. Acessado em: 14/05/2007.

SACHS, Jeffrey D.; LARRAIN, Felipe. *Macroeconomia*. São Paulo: Makron Books, 1995.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DE MATO GROSSO – SEPLAN/MT. *Informativo Socioeconômico de Mato Grosso 2005*. Disponível em: <http://www.seplan.mt.gov.br/arquivos/A_f7d8a74ea3c43ffb50c8eae68f6f985dInformativo%20Socioeconomico.pdf>. Acessado em: 25/10/2007.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SOUZA, Nali de Jesus de. *Desenvolvimento econômico*. 5 ed. rev. São Paulo: Atlas, 2005.